

Harold Lloyd fallado . . .

(FIM)

film, mas essa é a parte menos dispendiosa na produção de uma fita."

Até aqui a maioria das produções têm se tornado vagarosas pelo diálogo. Em vez de se apropriarem da principal vantagem do palco e applica-a aos films, os homens do Cinema tomaram o seu maior defeito — a falta de possibilidade de movimento — e o adoptaram na tela. Harold subverteu esse processo. A sua nova comedia movimenta-se com a mesma presteza que as antigas — accrescida das possibilidades inherentes aos recursos do som.

Deve-se ajuntar que a voz de Harold está de accordo com o typo de rapaz vertiginoso e profundamente sincero que logrou conquistar o coração de milhões de fans em todo o mundo. Elle possui, para felicidade sua, uma longa experiencia do palco, tendo estado no theatro desde a idade de doze annos. Assim a perspectiva de ouvir-se falar a si proprio, não encerra para elle os mesmos terrores que para uma infinidade de outros astros mais novos.

Harold reconhece muito avisadamente que o publico vai assistir a uma comedia para ver o personagem comico e que não se deve gastar demasiado tempo com o desenvolvimento do enredo. As comedias carecem, sem duvida, do interesse de um enredo, mas esse deve ficar em plano secundario.

"A historia é a parte mais facil da comedia, declara elle. Nós podemos compol-a no espaço de um dia ou pelo menos, de alguns dias. Mas quando procuramos a acção humoristica, devemos nos dar por felizes si conseguirmos photographar quatro ou cinco scenas no decurso de um dia de trabalho."

Dantes nós dispunhamos de muito maior latitude em fazer comedias. Todas as graças, quasi sem excepção — e como por exemplo rolar o individuo de uma escada ou receber uma macetada na cabeça — faziam o publico rir.

Uma saraivada de risos alguns annos atraz era mostrar-se um individuo embevecido na contemplação de uma moça a deitar, deitar assucar distrahidamente no seu café. Hoje já a assistencia não achará mais graça em semelhante gag.

Eu aprecio, sem duvida, as novas oportunidades offercidas pelo film sonico. Os motivos comicos, os (gags) esgotam-se... mas hoje que podemos dispor do som, o comico ganhou um novo sacco de artificios. Qualquer som, como o grasnar dos patos, é divertido. A minha luta com o velho em "Speedy" poderia ser duas vezes mais humoristica si tivesse os efeitos do ruido.

"As palavras faladas, igualmente, acarretam boa dose de comicidade. Nós podemos encontrar motivo humoristico na repetição de uma phrase durante todo o film. Onde tambem nós nos viamos em difficuldade antigamente para achar um esboço de acção para iniciar um film, somos immensamente auxiliados por esse recurso, tal como se nota em "Welcome, Danger", que começa com o barulho de um trem em velocidade.

"Por outro lado, apresenta-se extremamente arduo o problema de produzir comedias sonicas. No film a que nos referimos, por exemplo, tentamos sem resultado dezeseis vezes obter um certo ruido. De cada vez os fusos, muito delicados e sensiveis aos sons asperos, eram destruidos. Mas da decima setima vez fomos bem succedidos, como se verificará, quando o film for exhibido.

A seguir ha tambem, a representação dos gags, que devem ser chronometrados até a fracções de segundo, encontrarão um obstaculo no facto do director ser obrigado a transmitir as suas instruções por signaes mudos. Outro problema está na collocação do microphone. Mas o tempo resolverá todas essas difficuldades com que lutamos presentemente."

Poucos individuos ha no Cinema que tomam tão a serio o seu trabalho como Harold Lloyd. Lgando pouca ou nenhuma importancia á publicidade ou ás recompensas pecuniarias proveniente da exhibição dos seus films, a criação desses films constituem por si só um fim para elle. Elle acredita com Rabelais que "o riso é proprio do homem", e dedicou-se decisivamente á tarefa de fornecer o riso a um mundo cheio de aborrecimentos.

Os films de Harold são obras primas de esforços e detalhes. Habitualmente elles requerem um anno de trabalho e, no caso de "Welcome, Danger", a despeza montou a mais de um milhão de dollares. Com tal compromettimento de capital, não admira que antes da concluida produção fazer a sua reverencia ao publico, elle se sinta tomado do mesmo nervosismo que um boxeur na vespera de uma importante pugna.

A sua profunda concentração na sua vida profissional — sem duvida uma das mais felizes vidas profissionais jamais vistas na face da terra — não tem sido sem compensações, e compensações de toda sorte. Harold é dono de uma das mais bellas propriedades dos Estados Unidos, magnifico parque em Beverly Hills, que constitue uma das curiosidades da terra; possui uma mulher encantadora — Mildred Davis, outrora sua leading lady — e um lindo filho.

Mas em additamento a tudo isso, elle sabe que atravez de todo o mundo — desde os gigantescos cine-palacios dos Estados Unidos até os absurdos cinemas de paredes de zinco da China, elle consegue fazer que a humanidade esqueça por momentos o peso da vida. A cada tic-tac do relógio ha na face da terra uma risada que elle soube provocar.

Harold nos faz rir a todos — seja branca, preta, amarella ou bronzeada a cor da nossa pelle. E nós o amamos por isso.

Cinema de Amadores

(FIM)

obtidos com a ajuda de uma janella ao réz do chão. O amator que dispuzer de um tal recurso pôde aproveitá-lo de varios modos. Por exemplo: uma pessoa colloca-se com o rosto a uns 5 centímetros do vidro da janella, o qual precisa estar bem limpo. De repente, ella aperta o nariz e a fronte contra o vidro. Poucos espectadores conseguirão descobrir a razão do achatamento do nariz.

Outro exemplo: uma pessoa está regando o jardim com o cano de borracha. Filma-se essa pessoa atravez do vidro da janella. De repente, sem nenhum esperar, ella dá um formidavel banho... na janella. Mas quando o film for projectado, poucos espectadores resistirão á tentação de um movimentozinho assim de recuo ou prega, ao verem a agua cahir aparentemente sobre as proprias cabeças...

CORRESPONDENCIA

IZIDORO PATTUZZO (Collatina) — Si já tem o projector, acho o negocio vantajoso, sim, principalmente dada a qualidade da objectiva, o tripé panoramico e a propria marca da camara. Para fundar um grupo de amadores... Mas o que é que Você quer? Explicações sobre o modo de fundar o grupo, ou sobre Cinema de Amadores?

O que eu dou ao cinema

(FIM)

fiz com Eric Von Stroheim. Elle dirigia "Viuva Alegre". Uma manhã entrei pelo seu set. Elle olhou para o meu lado e, para o seu assistente indagou: — Miss Shearer? E' miss Scheerer? — E fez-me um cumprimento da sua maneira toda militar e correcta de cumprimentar. Eu sorri e tambem me curvei, em represalia. Mas alguém, que por ali se achava,

disse-lhe. — Não, não é Norma Shearer. E' a nova pequena, Lucille Le Seuer, Sahi na melhor imitação de Norma Shearer até hoje feita... No dia seguinte, foi o mesmo caso com Eleanor Boardman. Cumprimentou-me. Respondi. Disseram-lhe a mesma cousa e eu tornei a sahir na melhor imitação de Eleanor Boardman até hoje feita...

Isto se dava, naturalmente, porque eu tanto as observava que lhes copiava as attitudes sem o sentir. E isto, na verdade, não me servia de treino para representar, mais tarde? Não se espante. Talvez lhe pareça que isto tudo nada tem a ver com o que dei ao Cinema. No entanto, creia, tem sim, porque, na verdade, o que se estava operando em mim era a mudança de Lucille Le Seuer para Joan Crawford e, portanto, a transformação quasi que radical da minha pessoa. Assim, de ponta em ponta cheguei ao meu primeiro real papel. No film "Sally, Irene and Mary". E, de concursos em concursos de dansa cheguei ao titulo official de "the whoopee girl of the Cinema". Falamos, ás vezes, como se as nossas vidas profissionais fossem absolutamente diversas das nossas vidas reaes. Mas isto não é verdade. A gente é uma pessoa. Muito embora viva-se uma serie interminavel de papeis diametralmente oppostos. Os Jeckyls e Hydes não passam de rarissimas excepções para gaudio dos que vivem procurando excepções ás regras... E, assim, de film para film e de dansa para dansa continuei a minha vida. Eu quiz um papel. Pedi-o. E elles, em resposta, collocaram-me como heroína de dois films de "cow-boy"... Assim, quando pensei que já tinha treino de comedias, films de "far-west", etc., e tencionava fazer cousas melhores... Emfim, era mais uma folha que eu virava do livro da minha existencia!... E, continuando a minha dieta, soube que se me tornasse preguiçosa haveria de emmagrecer. Fiz-me preguiçosa. E, hoje, peso 118 libras, apenas. Mas levei seguramente 2 e meio annos para conseguil-o... Conheci e fiz-me amiguinha de muitos homens. Mas, seis mezes passados da minha vida na California, virei as paginas da existencia e dei com um só: Douglas Fairbanks Jr. E, dahi para diante, só houve um para o meu coração. Concentrei-me. Casei... Deixei o "whoopee"... Cahi no ramo dos pensamentos profundos e das máximas infalíveis... Recusei figurar em films para os quaes tivesse que posar despida. Havia feito isto ha dois annos. Mas, agora, preferia fazer a mulher velada a outra cousa no tal genero... Recusei entrevistas sobre os meus amores. E deixei de falar em "whoopee"...

Então chegou "Garotas Modernas", o typo do film que adoro. E, além disso, uma historia que, mais ou menos, era a minha propria historia. E, brincadeira engraçada do destino, não era que o film que elevaria á "estrella", era, tambem aquelle que me fazia recordar toda a minha passada existencia?

Conhecia aquillo tudo. O film, portanto, nada mais foi do que eu viver um papel que era o meu! Fil-o bem, creio! Depois, "Our Modern Maidens". Estudei o papel. Compreendi todas as phases da vida daquella moça estouvada ao ponto em que comprehendí Eleanor Boardman e Norma Shearer para imitalas ao Von Stroheim. E, afinal, nada mais ia fazer do que reviver a "whoopee girl" de ha annos... Mas acho que os dias de "Dancing Daughters" já se foram... Hoje estudo voz... Uma lição por dia... Quando cantei em "Hollywood Revue", não tinha o menor treino. E, para que negar, temo acabar cantando em operas... Agora dei para ler. Nunca tive tempo para isto. Mas, agora, fiz o tempo. E, assim, já li alguns e já tenho, para ler, "The Letters of Disraeli", "George Sand", "Lorenzo, the Magnificent"... Que tal?... Não é que a propria Joan Crawford já começa a se esquecer de que foi Lucille Le Seuer para vir a ser o que? Cantora de lyrico? Grande artista tragica? Comediante? Vamos ver...